

# O FIM DO LIVRO

Fundador da Amazon, Jeff Bezos, lança o que seria sua mais planejada cartada: o Kindle, um utilitário que permite baixar quantidade expressiva de livros e informações. A grande dúvida é se seu aparecimento significa o prelúdio do fim do livro tal como o conhecemos

---

POR JULIO DAIO BORGES

**Jeff Bezos, presidente-fundador da Amazon.com**, afirma que o livro é a última fronteira da digitalização. O CD já está na Internet ou praticamente deixou de existir; o DVD, idem. Isso sem falar nos periódicos impressos, cujas tiragens, também por causa da Internet, vêm diminuindo aceleradamente na última década.

Bezos, que fez a fama da Amazon vendendo livros em papel, lançou recentemente o Kindle, um leitor portátil de livros eletrônicos, publicações, *sites* e *blogs*. Mesmo depois de ter feito da Amazon o maior varejista da Internet mundial, Jeff Bezos acredita que o Kindle é sua maior realização. Provavelmente a comparação com Johannes Gutenberg lhe fosse apelativa: a prensa e os tipos móveis - inventados pelo ourives alemão - produziram a imprensa, a reforma religiosa e o iluminismo; Bezos projeta revoluções igualmente impactantes para o seu Kindle.

Embora às vezes pareça uma rebelião orquestrada contra a indústria do entretenimento e os detentores dos direitos autorais e do *status quo*, a Internet nada mais é que um enorme repositório de dados.

Como palavras, imagens e sons podem ser convertidos em *bits* e *bytes*, a Web se transformou num paraíso multimídia para quem quer consumir e, muitas vezes, para quem quer produzir conteúdo.

Tudo converge para a Internet: publicações, músicas, filmes e até outras mídias como rádio e televisão. Os dados não ocupam espaço físico e podem ser copiados com precisão, indefinidamente; sua distribuição é cada vez mais barata. Como a Internet não tem dono e suas barreiras de entrada são baixíssimas, a democracia impera na Web como em nenhuma outra mídia ou indústria e num momento ímpar da história humana. Logo, como é que o livro poderia ficar de fora?

**LEITURA NA VERTICAL.** O Kindle, obviamente, não é a primeira tentativa de digitalizar o livro e de disponibilizá-lo integralmente na Internet. Podemos citar o Projeto Gutenberg, um site que armazena grandes obras que caíram em domínio público. No Brasil, temos o [dominiopublico.gov](http://dominiopublico.gov) - que, por razões obscuras, não estava conseguindo manter-se.

O Google leva adiante um projeto de digitalizar acervos de bibliotecas públicas dos Estados Unidos, tendo inclusive abordado editoras brasileiras, pois quer promover uma busca que transcenda a Internet, percorrendo o legado da humanidade inteira. São todos belos projetos, mas nenhum deles vingou a ponto de substituir ou de sequer ameaçar a supremacia do livro físico.

A principal reclamação contra os computadores e a Internet por parte dos leitores de livros é com relação à tela. Como diz Millôr Fernandes, pouca gente vai preferir ler Dostoiévski "na vertical". De fato, a intermitência da luz cansa. Sentamos demasiadamente perto e já passamos horas demais, no trabalho, na frente da tela.

Claro que nem todos os formatos da Internet obrigam a que se leia, única e exclusivamente, na tela. O sucesso do PDF; da Adobe, que se tornou o primeiro padrão depois das páginas HTML e dos arquivos .*doe*, sugere que muitos livros, relatórios e documentos disponibilizados na Internet são impressos e lidos fora da tela. Sem contar que todos os sites, *blogs* e *eeds* possuem versões alternativas de suas páginas para impressão ou podem ser convertidos em papel diretamente.

**RUMO AO "E-LIVRO".** Ainda sobre o aspecto multimídia da Internet, muitas vezes permanece o ranço preconceituoso do tempo da conexão discada. E verdade que acessar a Rede há cinco ou mais anos poderia causar frustração para quem esti-

vesse em busca de imagens de alta qualidade, sons que não truncassem e vídeos que não demorassem uma eternidade- Mas, com o advento da banda larga, os textos não precisam necessariamente ter só 3 mil toques, as imagens podem ter a mesma resolução do impresso e os vídeos ganharam novo impulso (vide o fenômeno YouTube).

Assim como as publicações e o audiovisual evoluíram enormemente nos últimos tempos, é praticamente inevitável que o livro, na Internet, transcenda o HTML, o próprio PDF e encontre novos formatos, tomando-se ubíquo e provocando mudanças equivalentes à do fim do suporte CD e à do compartilhamento de arquivos .

Ao desafio da tela, a resposta do Kindle é uma tecnologia de tinta eletrônica, desenvolvida pelo MIT, sensível à luz, já presente no Reader da Sony lançado alguns meses antes. Ao desafio da portabilidade do livro, a resposta do Kindle é um aparelho que dispensa conexão com o computador, ao contrário do iPod e do Sony Reader, usando a rede sem fio da telefonia celular para se comunicar com o acervo virtual e até para carregar suas baterias.

Ao desafio de conteúdo da World Wide Web, a resposta do Kindle é uma lista inicial de 90 mil obras, entre lançamentos (a dez dólares cada) e itens de catálogo (um dólar cada); acesso direto à Wikipédia; e a possibilidade de encaminhamento de trechos lidos por *e-mail*. O Kindle ainda tem a capacidade de armazenar 200 "volumes" - o resto pode ser guardado *on-line*, pelo comprador, no *site* da Amazon; permite anotações como em uma leitura de livro normal; e oferece, gratuitamente, o primeiro capítulo de todos os títulos à venda, para degustação.

Apesar de tantas e tão variadas funcionalidades, o calcanhar-de-aquiles do Kindle parece estar, justamente, na tentativa ambiciosa de contentar leitores conservadores do livro impresso e internautas mais embrenhados na vanguarda da leitura multimídia.



A PRINCIPAL RECLAMAÇÃO CONTRA COMPUTADORES E INTERNET POR PARTE DOS LEITORES DE LIVROS É COM RELAÇÃO À TELA. COMO DIZ MILLÔR FERNANDES, MUITO POUCA GENTE VAI PREFERIR LER DOSTOIÉVSKI "NA VERTICAL"

## O CALCANHAR-DE-AQUILES DO KINDLE PARECE ESTAR, JUSTAMENTE, NA TENTATIVA AMBICIOSA DE CON-TENTAR LEITORES CONSERVADORES DO LIVRO IMPRESSO E INTERNAUTAS MAIS EMBRENHADOS NA VANGUARDA DA LEITURA MULTIMÍDIA

Pode ser, por exemplo, que o leitor de papel jamais vá aderir a dispositivos de leitura eletrônica; e pode ser, igualmente, que o jovem internauta não se satisfaça com mais *umgadget* que, embora permita desde a assinatura do *New York Times* até a de um *blog* recém-nascido, limite a navegação na Internet e não permita o acesso ao e-mail.

Se o Kindle fosse só um leitor de livros, ele perderia o filão dos frequentadores de redes sociais (vide a explosão do Facebook); e se fosse só um Palm ou BlackBerry, qual o sentido? A questão é: o Kindle pode acabar não sendo nem uma coisa nem outra.

**AVALIANDO O IMPACTO.** Mesmo que o Kindle não seja "o" leitor eletrônico de livros, é interessante pensar no impacto da sua chegada na indústria editorial. Os escritores, atualmente, se dividem. Os leitores têm um apego quase atávico ao papel e não concebem nada que venha a substituí-lo. Mas, em termos econômicos, pode ser convidativo trabalhar com tiragens ilimitadas ("copiar" não parece ser um problema para o Kindle), disponibilidade *on-line*, obras eternamente em catálogo.

Para os autores jovens - de *blogs*, inclusive - surge uma oportunidade rara de divulgação, de reconhecimento e de remuneração. Dez dólares pode parecer

pouco para um lançamento, mas a curva de vendas deve compensar. E vender a assinatura de um blog por um dólar (preço sugerido), para quem antes não ganhava nada com seus leitores, pode ser auspicioso.

No lado das editoras, Jeff Bezos argumenta que acabou também o drama de ter de calcular a tiragem e o preço de capa - a tiragem passa a ser sempre ilimitada e o preço, desvinculado do volume de impressão. Abre-se, ainda, a possibilidade de vender um título por partes, o que acabaria com a máfia do xerox nas faculdades; ou seqüencialmente, como um velho folhetim, entregue à medida que vai sendo escrito.

Bezos parece ter conseguido convencer as maiores editoras dos Estados Unidos, mas não sem dificuldades, pois uma indústria que, até ontem, faturou com a venda do suporte - como a indústria dos jornais e das revistas - vai sofrer, de maneira análoga, abalos sísmicos. No Brasil, o editor, que perdia a maior parte de seu tempo com atividades alheias ao ofício, tais como distribuição, *marketing* no ponto-de-venda e assessoria de imprensa, pode, quem sabe, voltar às suas origens. Novas editoras devem surgir na esteira do Kindle; e a pleora de novos autores "com livros publicados" deve ser igual ou maior do que na recente invasão de autores de *blogs*.

**ESPALHANDO A BOA NOVA.** O Kindle tem pouco tempo de existência e, por depender da rede de telefonia celular, está ainda restrito aos Estados Unidos. No lançamento, ficou a sugestão de que, fora dos EUA, o impressionante leitor da Amazon funcionaria conectado a um computador - via *site*.

Entusiastas aparentemente não remunerados do Kindle espalham a novidade pelos outros continentes, carregando seu aparelho em viagens. Afinal, nada impede que ele funcione desconectado da rede, uma vez carregado. E os *hackers* - como no caso do iPhone - podem fazer o serviço de desbloqueio e de "migração", x